

*do Cristo a fim de que os homens lembrem seus nomes na posteridade?*

Ninguém respondeu absolutamente nada. Olhavam-se confusos. A reunião foi encerrada e já se passam mais de quatro décadas nas quais me encontro em serviço ativo neste pavilhão. Todos eles eram excelentes trabalhadores na seara, mas ainda carcomidos pelo interesse pessoal. Fizeram muito, entretanto descuidaram do amor. Operaram maravilhas pela teoria espírita, pela doutrina. Todavia, como ocorre a muitos, esqueceram o próximo. Não sabiam conviver, não sabiam enxugar uma lágrima, tinham péssimos relacionamentos, não suportavam ser contrariados, adoravam controlar e serem servidos, eram fascinados com suas folhas de serviço, mimavam os cargos e, no fundo, adoravam excluir. Uma grande diferença existe entre o tarefeiro e o servidor, o trabalhador e o operário.

15

## Projeto Essencial

*“Vinde a mim, vós que sois bons servidores, vós que soubestes impor silêncio aos vossos ciúmes e às vossas discórdias, a fim de que daí não viesse dano para a obra!”*

*O Evangelho Segundo Espiritismo, capítulo XX, item 5.*

— Estou estupefata diante de sua história! — expressou Selena.

— Você aprenderá muito por aqui, minha filha. Morrer tem suas vantagens!...

— Dona Modesta, seja franca comigo!

— Quer minha opinião sobre Angélica? — antecipou a benfeitora.

— Sim.

— Selena, vários casos de personalidade controladora explicam-se em razão da energia que a criatura emprega para tomar conta da vida, uma tentativa de não se decepcionar, não se frustrar. Quase sempre, são pessoas magoadas e com medo de serem ofendidas novamente depois de algum incidente doloroso. A maioria dos espíritas vem se preocupando demasiadamente com as obsessões de desencarnados para encarnados, entretanto desconhecem o quadro lamentável de obsessões que pululam nas relações humanas. É necessário convir que os desencarnados, devido

a barreiras vibratórias pertinentes às dimensões, têm um limite de atuação sobre os homens no corpo. Mesmo com tantas opções de ação por parte dos espíritos, os encarnados, por vibrarem em faixas físicas idênticas, continuam sendo os mais influentes obsessores com os quais os homens deveriam ocupar-se. O egoísmo que ainda nos é peculiar tem mil modos de desprezar o livre-arbítrio e engendrar a hegemonia pacífica sobre o próximo.

— Então... terei exercido uma obsessão sobre Angélica?

— Sem dúvida!

— Meu tratamento tem algo a ver com ela?

— Claro!

— Seria essa a razão dos sonhos que tinha com ela chegando ao portão do Hospital sem conseguir entrar?

— Não eram sonhos. Eram fatos reais. Angélica a procurou noites a fio ao emancipar do corpo físico.

— As vozes não eram alucinações?

— Não, não eram. Você ouvia Angélica a distância. Ela criou uma dependência doentia. Por outro lado, sua partida também foi um alívio. Essa a razão das palavras firmes que expressou durante a reunião no centro espírita e que tanto lhe magoaram.

— Senti-me traída...

— Mas não foi. Há muitas pessoas sentindo-se traídas sem avaliar a extensão do que existe no coração alheio. Existem controladores da vida alheia que oprimem sem saber, ofendem sem desejar. Angélica foi sua filha na personalidade de Elise Pyrré, irmã de Isabelle Pyrré, hoje renascida como Eulália.

— Então Eulália...

— Eulália, a quem o nome chamou a sua atenção na visita a Marcondes, foi Isabelle, a filha rebelde que lhe causou muitas decepções. Tentando prevenir a seqüência de desastres na família, você, como mãe na personalidade de

Condessa Pyrré dos Guise, passou a zelar com excessos por Elise. Você foi ferida demais por Isabelle e tentou poupar Elise controlando-a, superprotegendo-a. É a primeira vez em alguns séculos de encontros que ela se sente livre para ser o que gostaria. Sua ausência pela morte, em outras ocasiões, não significava o fim do cativeiro para Angélica. Agora, no entanto, creio que será bem diverso este epílogo.

Selena não suportou as revelações e rendeu-se a incontrolável pranto. Dona Modesta a acolheu nos braços como uma criança indefesa e assustada. Afagava a cabeleira lisa da companheira como se o fizesse a uma filha. Ainda soluçando e com voz embargada, a paciente ainda encontrou forças para perguntar:

— E o centro espírita?! Por que o cerco dos capangas?

— Expressiva parcela de casas doutrinárias se encontra em situação parecida, graças à natureza do campo vibratório que gravita nos relacionamentos entre seus tarefeiros. Os sentimentos determinam a qualidade espiritual dos ambientes.

— De que natureza é esse campo?

— Quando existe honestidade emocional e afeto, os campos são de alegria e bem-estar.

— Mas existe, porventura, algum centro espírita cujo campo não seja dessa espécie?

— Lamentavelmente!... Não se assuste em dizer que, alguns centros erguidos em nome de Jesus Cristo, têm sido pasto de obsessões e doenças graças à natureza enfermiga de seus condutores.

— Inacreditável! Por vezes, chego a pensar que estou tendo uma miragem! Ou... ou sendo vítima de um engodo!

— Ou ouvindo uma obsessora, você quer dizer.

— Por aí, Dona Modesta!

— É natural! Basta ser um espírita sem noções claras sobre o que se passa por aqui para ter essas sensações...

— Não deveríamos avisar aos amigos no plano físico sobre o assunto?

— Se você não acredita, estando aqui, acha que eles acreditariam se lhes endereçássemos algum apelo?... No tempo adequado, abriremos o véu...

— Não consigo entender a razão de semelhante ocorrência na casa que presidi. Tínhamos um bom relacionamento. Com problemas, é verdade, mas sincero. Mesmo com minhas falhas, o trabalho prosseguiu com bons resultados.

— Selena, que critérios temos adotado para aferir resultados na seara do Cristo? Serão eficazes? Ou fruto de nossa análise ainda interesseira e autopromotora? Mais que resultados palpáveis externamente ou para os beneficiados do centro espírita, importa aferir a construção íntima que edificamos através da escola dos relacionamentos. Será que os trabalhadores sentem nossa ausência quando faltamos? Somos queridos e esperados por quem partilha-nos a tarefa no dia-a-dia?

— Acreditava que o ambiente era bom em nossa casa!

— E era!

— Então qual a motivo daqueles espíritos cercando o centro?

— Sua decisão impensada! O alvo das críticas de Angélica na reunião de diretoria.

— A suspensão das tarefas mediúnicas?

— Exatamente! Uma casa doutrinária sem o serviço de intercâmbio intermundos é como um reduto isolado por altas paredes em pleno deserto do materialismo.

— Fiz mal com minha atitude?

— Mais do que pode supor, Selena.

— Ai, meu Deus! É muita notícia ruim para um só dia! Estou com uma nítida sensação de falência como se nada de bom tivesse realizado durante a vida física... – envergonhada,

cobriu o rosto com as mãos.

— Engana-se! Suas realizações contabilizam um saldo positivo logrado por poucos.

— Preferia não falar nesses assuntos! Entristecem-me... Creio que...

— É seu momento de aferição – novamente intercedeu a Dona Modesta. Não temas e nem fujas! Quanto antes enfrentá-lo, melhor para sua paz. Ao fechar as portas para a mediunidade, qualquer organização humana está decidindo pela horizontalidade de suas experiências. A relação com a sociedade invisível representa a alma do Espiritismo. Espiritismo sem mediunidade é espiritismo de homens. O Espiritismo do Cristo é luz, verdade, elevação e progresso. É Espiritismo com espíritos. Doutrina Espírita quer dizer doutrina dos espíritos... Grave bem: dos espíritos!

— O propósito foi evitar os abusos e...

— Sabemos disso! – interrompeu a orientadora. Sua iniciativa não obedeceu a interesses personalistas. Isso não os livrou do peso das pressões psíquicas. Pior que fechar as portas da mediunidade é abri-la somente a quem se deseja.

— Explique melhor, Dona Modesta.

— O exercício mediúnico atravessa um grave processo deflagrado há algumas décadas, que conduziu ao rompimento com a espontaneidade. A título de instituir cuidados que se fizeram necessários – fato que ninguém pode contestar – criaram-se normas e padrões muito rígidos. O exercício mediúnico precisa ser ressignificado.

— Jamais conseguiria agradar a todos em minha posição! Tive problemas sérios com a mediunidade em nosso centro.

— Não se trata de agradar e, sim, fazer o melhor a nosso alcance de conformidade com as propostas do Cristo e do codificador. Infelizmente, existe muito “espiritismo sem espíritos...” O motivo? É fácil responder: os homens fundaram

casas e mais casas. Poucos foram os que consolidaram grupos. Muito fácil reunir pessoas. Difícil é unir pessoas. Sem equipes fraternas e afetuosas, não teremos serviços criativos e ricos de entusiasmo e alegria. Sem isso, como avançar em direção ao espírito do Cristo? A mediunidade não deve ser analisada apenas como uma atividade da casa espírita. Em verdade, ela é a alma das tarefas espirituais. O termômetro pelo qual se podem aferir as lutas e valores de uma organização e seus integrantes. A relação entre homens e espíritos constitui o cerne da proposta espírita, isto é, a consolidação do sentimento de imortalidade no coração.

— Poderei cooperar na mudança dessa história? Terei como intervir para que o meu grupo espírita tome outro rumo? Estou abismada com a situação que criei. Amava tanto o Centro Espírita Paulo e Estêvão! Lembro-me do dia em que tudo começou...

— Amiga, por muito menos, as trevas têm tomado sob domínio muitos grêmios espíritas. Basta manter a atual noção de caridade com desencarnados, mantendo a tarefa apartada da casa.

— Não entendi...

— Existem grupos inúmeros que foram sitiados por inimigos inteligentes cujo propósito jamais foi o de acabar com o centro. Essa técnica está em desuso há boas décadas. Os gênios da maldade concluíram que, melhor que fechar centros, é mantê-los inoperantes, medíocres, improdutivos, escravos de convenções inúteis... Assim, aproveitam da tendência humana de estagnar mentalmente na rotina e incentivam o marasmo. Fácil ação! O psiquismo humano está congestionado pelo dogmatismo e pela preguiça. O ritmo da mente humana está afinado com a época da mordomia, da lentidão, da vida sedentária e monótona a que se acostumaram em milênios e milênios, sem tecnologia e estímulos para o progresso. Pensar pouco, fazer mais. Mais

ação, pouca filosofia. Caridade, sim, estudo, somente o necessário.

— Deus, tome conta!...

— Com esse comportamento, conheço grupos que, em sua invigilância, discutem anos a fio, sem progresso, alguns assuntos que, para eles, tornaram-se essenciais, tais como: “O mesmo médium que recebe ‘espíritos sofredores’ pode, igualmente, receber ‘espíritos de luz?’”, “É necessário que os médiuns assentem-se sempre no mesmo lugar?”, “O consumo de carne no dia da reunião.” Assuntos que até poderiam ter alguma utilidade tornam-se “bandeiras de pontos de vista”. Criam celeumas, ficam melindrados, apóiam-se em textos e discutem como velhos religiosos bem-informados, debatendo questões de pouca utilidade.

— Enquanto discutem, acontece a acomodação!

— Com isso, o homem acomoda-se na ritualidade, na repetição, no padrão. Bane-se a criatividade, o novo e a experimentação, estabelecendo uma noção de segurança em torno de “formas usuais de fazer...” A educação moderna preconiza em um dos seus quatro pilares: o “aprender a fazer”. Todos os grupos doutrinários na atualidade são convocados a “reaprender a fazer”.

— Um nó em meu “cérebro”... Isso é o que sinto!

— E por acaso você ainda tem “cérebro”? – as duas gargalharam.

— Puro costume, Dona Modesta. Costume velho! Então a questão é “aprender a fazer”?

— Não basta!

— Não?

— Urge um projeto essencial, sem o qual...

— Sem o qual nada dará certo! – atalhou Selena, completando a fala.

— Isso mesmo.

— Que projeto é esse?

— Concomitantemente com o “aprender a fazer”, o programa dos tempos novos prevê o “aprender a conviver”. Sem conviver no amor, não conseguiremos segurança autêntica na obra do Cristo. Compete-nos estimular esse projeto essencial. Sem ele, nenhuma organização doutrinária terá êxito em quaisquer outros projetos, por mais nobres e inteligentes que sejam. A obra de Nosso Senhor Jesus Cristo nunca exigiu tanta atenção como agora ao inesquecível apontamento “(...) *sede prudentes como as serpentes e simplices como as pombas.*”<sup>(1)</sup>

— Por qual razão?

— Está havendo muita confusão sobre o que seja ser cristão. Uns querem a mansidão e terminam no sentimentalismo. Outros, a pretexto de serem sagazes, estagiam no cálculo. Os sentimentalistas tombam na convivência. Os calculistas, na arrogância. A arrogância é a atitude daquele que possui dilatada visão intelectual e nega seus sentimentos em favor das inabaláveis convicções pessoais. Convivência é a postura de quem está na mansidão, e nega os apelos da consciência em favor da verdade. A arrogância é alimentada pelo egoísmo. A convivência é fruto do medo de enfrentar desafios e crescer.

— Quer dizer que o maior desafio presente na seara é aprender a conviver?

— Aprender a amar é nosso maior desafio! Como amar sem boa convivência? Nesse início do século XXI, estamos em plena campanha, no mundo dos espíritos, para elastecer os parâmetros de utilização das forças mediúnicas na Terra. A exemplo do ocorrido com os baluartes da doutrina no alvorecer do século XX, estamos trabalhando por modelos novos de intercâmbio entre as esferas. Para isso, os grupos doutrinários haverão de se lançar à postura da investigação fraterna. Fica, porém, a pergunta: como investigar, com desejável utilidade, as questões relativas à mediunidade em grupo, se não existe

convivência tecida na confiança e no amor? Que espécie de questionamentos e avaliações poderão ser levantadas onde existam discórdia e instabilidade nos relacionamentos?

— Compreendo. Os projetos são abortados! O movimento está cheio deles...

— Doutor Bezerra, em nome do Espírito Verdade, nomeou esse projeto essencial como *Humanização na Seara Espírita*. Mais importante que o Espiritismo teórico, urge a aplicação de suas lições éticas. Nada nos impedirá o amor que todos temos à doutrina, essa fonte interminável de consolo e luz, todavia o centro das cogitações da própria doutrina é o amor que devemos uns aos outros. Esse o foco essencial.

— Que é mais importante: a “obra do Cristo” ou as pessoas nela inseridas? – indagou Selena.

— Boa pergunta! A legítima obra do Cristo constitui-se de pessoas que aprenderam a se amar. Que nos valerá erguer paredes, escrever livros, distribuir gêneros, instituir pactos, se não aprendemos a perdoar, a aceitar críticas, a gostar dos diferentes, a tecer relações com os antipáticos, a gostar de relacionar? A obra de Jesus, em verdade, estabelece-se no reino íntimo do coração e projeta-se nos benefícios da convivência pacífica e educativa. Sem isso, existem apenas movimento e treino emocional para o futuro...

— Então voltemos ao caso que a senhora contou. E se aqueles dirigentes “topetudos” não tivessem a diretriz sábia de Bezerra, como ficaria a obra? A senhora seria retirada do cargo aqui no Hospital?

— Minha filha, a pretexto de amar, não vamos ser descuidados, e a pretexto de sermos cuidadosos não vamos ser individualistas.

— No meu caso, tive que fechar as portas para a mediunidade devido a médiuns personalistas e abusos sem conta. Melhor o serviço com qualidade que exercer uma

atividade com desequilíbrio. Optamos por fazer bem aquilo que tínhamos condição...

— Selena – aparteu Dona Modesta – seja fiel à verdade. Optamos ou optei?

— Sim, é verdade... Foi uma opção pessoal. No fundo, ninguém mais concordava...

— Opção ou imposição?

— Imposição.

— Imposição pessoal. Esse é o registro em sua ficha reencarnatória. Angélica fez o que pôde para dissuadi-la. De fato, para evitar o abuso, são necessárias medidas disciplinadoras, mas não exterminadoras ou irreduzíveis. Que se preparasse o médium. Interrompesse o intercâmbio por algum tempo e depois regressasse com mais tranquilidade e equilíbrio. Isso, o ideal.

— E agora, o que será do “Paulo e Estêvão”?

— Espera-nos muito trabalho para “limpar a área”.

## 16

### O Servo de Todos

*“Não será assim entre vós; mas todo aquele que quiser entre vós fazer-se grande, seja vosso serviçal. E qualquer que entre vós quiser ser o primeiro, seja vosso servo.”*

*Mateus, 20:26*

— Sinto-me como se a vida física não tivesse existido ou fosse curta demais. Seus esclarecimentos causam-me um profundo estado de frustração. Os méritos que supunha possuir parecem estourar como frágeis bolhas de sabão!

— Não é esse o meu propósito!

— Eu sei! Eu sei... mas tenho consciência de que realmente desperdicei muitas oportunidades...

Percebendo o olhar triste de Selena, Dona Modesta ponderou:

— Qual de nós, no presente estágio de evolução, não peregrina pela negligência, pela desatenção no uso das oportunidades e das nossas habilidades?

— Esse enfoque faz-me experimentar ainda mais a sensação de que uma vida dedicada ao Espiritismo nada cresceu em minha alma.

— É um juízo comum nos primeiros tempos do desencarne. Raríssimos escapam dessa vivência angustiada.

— Será que o trabalho doutrinário teve alguma

---

<sup>(1)</sup> Mateus, 10:16.